

Ensaios

Grupos de escuta com o professorado de Educação Física: uma possibilidade de acolhimento e de formação continuada¹

Listening groups with for physical Education Teachers: a possibility for welcome and continuing training

Grupos de escucha con profesores de Educación Física: una posibilidad de acogida y formación continua



Rafael de Lima Magalhães



Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

rafinhamag@hotmail.com



Karoline Hachler Ricardo



Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

karolinehachler@gmail.com



Felipe Ventura Botomé



Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil.

fvbotome@gmail.com



Elisandro Schultz Wittizorecki



Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil.

elisandro.wittizorecki@ufrgs.br

Resumo: Este ensaio teórico sobre o mal-estar docente de professores de educação física tem os seguintes objetivos: apresentar e refletir sobre o grupo de escuta como uma possível iniciativa de acolhimento e uma alternativa para a formação continuada dos professores de educação física; (ii) apresentar e analisar os achados que pesquisas vêm encontrando ao desenvolverem esses grupos com professores e (iii) realizar apro-

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

ximações entre a psicanálise e a educação como uma possível forma de compreender o mal-estar docente de professores de educação física. As aproximações da psicanálise com a educação permitiram compreender que grupos de escuta de professores podem ser constituídos em momentos importantes de partilhas com o outro, promovendo a circulação da palavra e contribuindo para o enfrentamento singular de mal-estares.

Palavras-chave: educação física; grupo de escuta; mal-estar docente; prática pedagógica.

Abstract: This theoretical essay on the teaching malaise of Physical Education teachers aims to: (i) present and reflect on the Listening Group as a possible welcoming initiative and alternative for the continuing education of Physical Education teachers; (ii) present and analyze the findings that research has found when developing these groups with teachers; and (iii) make connections between Psychoanalysis and Education as a possible way of understanding the teaching malaise of Physical Education teachers. The connections between Psychoanalysis and Education allowed the understanding that Listening Groups with teachers can be important moments of sharing with others, promoting the circulation of words that can contribute to the unique dealing with malaise.

Keywords: physical education; listening group; malaise teacher; pedagogical practice.

Resumen: Este ensayo teórico sobre el malestar docente del profesorado de Educación Física tiene como objetivos: (i) presentar y reflexionar sobre el Grupo de Escucha como una posible iniciativa de acogida y alternativa para la formación continua del profesorado de Educación Física; (ii) presentar y analizar los hallazgos que la investigación ha encontrado al desarrollar estos grupos con docentes y; (iii) acercar Psicoanálisis y Educación como posible vía para comprender el malestar docente de los profesores de Educación Física. Los enfoques del Psicoanálisis para la Educación permitieron comprender que los Grupos de Escucha de

docentes pueden ser momentos importantes de compartir con otros, promoviendo la circulación de la palabra que pueda contribuir al enfrentamiento singular del malestar.

Palabras clave: educación física; grupo de escucha; malestar docente; práctica pedagógica.

Submetido em: 20/05/2025

Aceito em: 05/07/2025

1 Introdução

Este estudo sobre o mal-estar docente de professores de educação física pretende analisar e refletir sobre o grupo de escuta de professores como uma possibilidade tanto de partilha e de acolhimento às queixas e aos sofrimentos dos docentes assim como de formação continuada de professores. Para tanto, este trabalho parte da inspiração teórica do pensamento psicanalítico, que comprehende que o sujeito constitui-se em meio aos dilemas entre os seus desejos e as exigências sociais internalizadas, sendo atravessado por processos de repressão, de idealização e de construção de sua subjetividade ao longo da vida (Freud, 2011). Destacamos que este trabalho, apesar da escrita coletiva, faz parte da pesquisa de doutorado do primeiro autor.

A escola constitui-se como um organismo vivo onde se encontram diversas histórias de vida. O ambiente escolar é um espaço coletivo de encontros e de relações grupais (Dayrell, 1996). É como se cada indivíduo fosse um mundo, e a escola, o universo em que todos esses mundos encontram-se. Sendo esse universo bastante heterogêneo e constituído por seres humanos, não raras vezes, surgem dificuldades nas relações, nas disputas e na necessidade de conviver com o outro e com suas individualidades, o que causa desconfortos e padecimentos entre os atores envolvidos nesse ambiente.

Com relação aos desconfortos e aos padecimentos de professores, compreendemos que as tensões surgidas na escola podem ser entendidas como mal-estares docentes. Isso porque os professores, muitas vezes, são atribuídos como responsáveis pelo fracasso escolar e também solicitados, com frequência, para promover a mudança dessa situação (Pedroza, 2010). Ao cunharmos o termo *mal-estares docentes*, apreendemos o que Freud (2010) já teorizava no século XX, ou seja, o mal-estar faz parte da condição da vida humana e, por se fazer presente em nossas vidas, é inevitável, vivenciado e manifestado de diferentes formas por cada um de nós.

Na docência, também se manifestam mal-estares das mais variadas ordens e nas mais variadas dimensões. A docência e o próprio ambiente escolar são importantes desencadeadores da manifestação das diversas formas de mal-estar.

Tendo como referência a psicanálise, vale observar que a relação do sujeito se dá tanto com o “outro”, entendido como o semelhante – aquele com quem se estabelece uma relação imaginária de identificação ou rivalidade –, quanto com o “Outro”, que representa o campo simbólico da linguagem, da lei e do desejo que o constitui. Essa relação desencadeia o sentimento de desvalorização profissional, as violências que acontecem nas escolas, entre outros impasses (Kasper; Rinaldi, 2017). Porém, ainda que haja todas essas problemáticas, o professorado, em sua maioria, entre resistências, estratégias e invenções, parece resistir na carreira e segue no chão da escola.

Com o interesse de seguir pesquisando o mal-estar docente e os padecimentos que o professorado de educação física manifesta, o formato de grupos de escuta vem se apresentando como alternativa para compreender esses males e para acolher o professor que sofre. Essa prática visa a oferecer um suporte para um grupo de pessoas que compartilham experiências semelhantes (Carvalho; Amparo; Nogueira, 2019). Na perspectiva da saúde coletiva, sobretudo no campo da saúde mental e da atenção psicossocial, o cuidado constitui-se como uma prática compartilhada, intersetorial e territorializada, a partir de uma escuta qualificada como instrumento de acolhimento no processo de trabalho (Merhy, 2008). Isto é, a proposta de grupos de escuta com professores, ainda que potente como prática de acolhimento e de partilha, não deve se restringir a um horizonte interno à escola, sob o risco de reforçar uma lógica de autossuficiência institucional, desconsiderando as múltiplas determinações sociais que atravessam o sofrimento docente.

Para o pensamento psicanalítico, o sujeito constitui-se em meio a dilemas e a tensões entre seus desejos e normas sociais internalizadas, o que pode gerar conflitos, sofrimentos e mal-estares (Freud, 2011). Como aponta Safatle (2017), é fundamental politicar

esse sofrimento, compreendendo-o não como falha individual, mas como manifestação das contradições sociais e institucionais. Uma escuta que pretenda ser ético-política, nessa perspectiva, deve evitar funcionar como promessa de “cura” ou de alívio individualizado, e sim abrir espaço para a elaboração coletiva, para a crítica e para resistência às violências simbólicas e materiais que atravessam o fazer docente. Trata-se, portanto, da criação de um espaço de escuta, de respeito e de elaboração conjunta, no qual tanto os professores que participam dos grupos de escuta quanto quem os conduz possam crescer e aprender em mútua implicação.

Assim, com o intuito de desenvolver um grupo de escuta durante o doutorado do primeiro autor, inspirado nos grupos de escuta da psicologia, este texto busca compreender de que modo esse instrumento/recurso pode auxiliar no acolhimento dos mal-estares da classe docente de educação física nas escolas. Além disso, pretende-se apresentar essa proposta como uma alternativa possível para a formação continuada desses profissionais, tanto com relação à formação humana, como propõe Safatle (2015), quanto no sentido da “formação continuada” dentro da tradição do campo educacional (Nóvoa, 1991; Tardif, 2002).

Safatle (2015) propõe a formação como uma experiência que chama de subjetiva radical, a partir da qual o sujeito entra em contato com aquilo que desestabiliza sua identidade, suas certezas e suas posições. Inspirado pela psicanálise e pela teoria crítica, o autor comprehende a formação como um processo que não se dá a partir da assimilação de conteúdos, mas da relação com a negatividade – com o que falta, com o que falha, com o que não se encaixa. Nesse caso, o grupo de escuta pode figurar como um convite aos professores a abrirem-se para uma experiência de possível destituição subjetiva, que permite a emergência de novas/outras formas de vida. Nessa perspectiva, a formação continuada de sujeito, um movimento que, ao colocar esse “eu” em crise, diante dos seus mal-estares docentes, produz deslocamentos que permitem reinvenção e resistência. Já com relação à dimensão formativa, compreendida pela perspectiva da tradição do campo da educação, tal

formação trata de um processo de desenvolvimento profissional, voltado à atualização de saberes pedagógicos, metodológicos e curriculares (Nóvoa, 1991; Tardif, 2002).

Ainda que as duas perspectivas formativas – a dimensão humana e a do campo educacional – possam, à primeira vista, parecer contraditórias, a proposta do grupo de escuta é justamente atravessar essas fronteiras. Busca-se que ele atue, em sua dimensão cotidiana e propositiva, como uma experiência de desestabilização e reinvenção da prática docente, possibilitando o enfrentamento singular dos mal-estares vivenciados pelos professores. Embora não tenha como foco principal o aperfeiçoamento técnico ou a atualização de saberes docentes, espera-se que o grupo de escuta possa ser reconhecido pela escola e pela secretaria de educação como uma forma legítima de formação continuada. Isso implica repensar e ampliar o próprio conceito de formação continuada de professores. Por fim, reconhece-se que, para que um grupo de escuta seja efetivamente implementado como estratégia de formação, é indispensável o estabelecimento de negociações com a escola e sua mantenedora.

Partilhando do entendimento de Aguiar e Almeida (2006), compreendemos que, para que essa formação possa acontecer, ao longo do percurso do professor, poderia haver a abertura de um espaço em que o docente pudesse, de forma efetiva, endereçar sua palavra a um outro, ser escutado e se escutar. As autoras levantam ainda a possibilidade de que o suporte da escola seja conferido ao psicólogo escolar para criação desses espaços de escuta.

Ao observarmos a prática docente como professores de educação física que vivem diariamente a escola, identificamos que, além das questões estruturais, como supostas determinações sociais do processo de sofrimento docente, a comunicação e, consequentemente, a capacidade de escuta apresentam-se como dilemas nas relações entre docentes, discentes, equipes diretivas e comunidade escolar como um todo. Para Tardif (2002), o trabalho docente é atravessado por relações de poder, por expectativas conflitantes e por aquilo que reconhece como uma constante pressão comuni-

cacional (tensões nas relações entre professores, alunos, direções e famílias). Queixas das mais variadas ordens são relatadas por todos os protagonistas envolvidos no processo pedagógico, porém, interrogamos: como se acolhem tais padecimentos? De que forma esses sofrimentos vêm sendo acolhidos e manejados?

Refletindo sobre esses questionamentos é que surge este ensaio teórico sobre a noção de grupos de escuta apresentarem-se como possibilidades viáveis aos docentes nas escolas, como alternativa de partilhas de experiências entre os pares e como um espaço potente de apoio ao professorado. Partilhando do entendimento de Molina Neto e Molina (2002), hoje seguimos compreendendo que um dos problemas da área envolve a comunicação e, consequentemente, a capacidade de escuta.

A partir da contextualização do tema em questão, qual seja, o mal-estar docente, este ensaio teórico sobre o mal-estar docente de professores de educação física tem os seguintes objetivos: (i) apresentar e refletir sobre o grupo de escuta como uma possível iniciativa de acolhimento e de alternativa para a formação continuada dos professores de educação física; (ii) apresentar e analisar os achados que pesquisas vêm encontrando ao desenvolverem esses grupos com professores e (iii) realizar aproximações entre a psicanálise e a educação como uma possível forma de compreender o mal-estar docente de professores de educação física.

2 Aproximação conceitual sobre Grupos de Escuta

Com base nas experiências dos autores como professores de educação física, como psicólogo atuante nas escolas e como pesquisadores sobre o mal-estar docente, destacamos que estamos interessados em algo que aflige nossa própria condição humana. Ao conversarmos com outros colegas professores, percebemos uma certa unanimidade de comentários com relação a uma suposta dificuldade que há em existir um espaço de escuta na formação continuada de professores para acolhimento dos sofrimentos dos quais padecem durante a docência.

Como mostra a revisão sistemática sobre o mal-estar docente em professores de educação física escolar, feita por Magalhães, Andrade e Wittizorecki (2023), o professor de educação física tem uma disposição à desvalorização, tanto pela fragilidade que muitas escolas possuem em sua estrutura como pelo modo como a disciplina é organizada no currículo – com diminuições de carga horária. Essas queixas, que são comuns à classe, vêm ao encontro da necessidade de haver um espaço para a escuta de docentes.

O grupo de escuta tem a proposta de ser um espaço na formação dos professores de modo mais acolhedor, avançando em contrapartida à proposta tecnocrata² dessa formação quando pensada nas suas primeiras experiências (Bastos; Kupfer, 2010). A utilização de grupos de escuta como forma de acolhimento dos professores é inspirada na psicanálise, já que seu objetivo não é a busca pelo alívio ou a cura de sintomas, mas sim escutar, acolher e propor possibilidades de enfrentamento ao sofrimento (Mantovani, 2008). Na perspectiva da saúde coletiva, o sofrimento não deve ser compreendido apenas como uma dimensão individual ou afetiva. Assim, grupos de escuta com professores merecem ser pensados não apenas como espaços de acolhimento emocional, mas também como dispositivos críticos de produção de linguagem sobre o sofrimento, articulados com a rede de saúde e com o território (Merhy, 2008).

A escola, muitas vezes, é um importante agente de adoecimento dos professores. Seja por conta de violências, pelas condições de trabalho, pelas relações com as direções e com as equipes pedagógicas, o ambiente escolar torna-se um potente desencadeador de mal-estar para a classe docente. Além do mais, por haver a cobrança das escolas para o desempenho supostamente adequado dos alunos, o professorado vê-se em constante pressão para conseguir atingir esses resultados nele projetados/esperados. Castro e Lelis (2025) concordam que o professor é exposto a um contexto de forte cobrança e alto desgaste psicossomático e sim-

² A proposta tecnocrata de formação de professores dá ênfase na dimensão instrumentalizadora do conhecimento, com vistas a um maior controle sobre o trabalho pedagógico (Ximenes; Melo, 2022).

bólico, razão pela qual frequentemente acaba sofrendo com esse desgaste e com a carência de um suporte emocional para lidar com essa sobrecarga.

Destacamos que, muitas vezes, o sofrimento não é reconhecido de maneira evidente, pois pode ser demonstrado a partir de sintomatologias ou de outras formas de expressão emocional. A partilha em grupo pode favorecer o reconhecimento dessas experiências, na medida em que as interações despertam identificação, acolhimento e reflexão. Segundo Pedroza (2010), o espaço de escuta possibilita que experiências difíceis, por vezes pouco nomeadas ou compreendidas, sejam (re)elaboradas com o auxílio do outro. Falar e escutar coletivamente, nesse contexto, torna-se uma forma de acessar sentidos antes não formulados ou não reconhecidos sobre o próprio sofrimento.

Assim, reforçamos a relevância dos grupos de escuta como um instrumento de autoconhecimento e como espaço de acolhimento que podem apoiar os participantes. Com base na compreensão do que são e como funcionam os grupos de escuta, no tópico que se segue, apresentamos um panorama de como vêm sendo desenvolvidos tais dispositivos nas escolas com os professores, com especial atenção ao professorado de educação física.

3 O que os estudos desenvolvendo Grupo de Escuta vêm encontrando?

A proposta da realização de grupos de escuta deste estudo aproxima-se daquilo que se pesquisa e que se aplica na área da psicanálise na relação com a educação. Pereira (2016), em seu livro sobre o mal-estar docente, mostra que pesquisas-intervenção têm crescido muito no campo da saúde, da educação e do direito, evidenciando como esse modelo de investigação inspira outras e novas pesquisas com sujeitos, e não sobre eles; ou seja, o sujeito como parte produtora de saberes e de conhecimentos junto com o pesquisador.

É partilhando dessa mesma noção de pesquisa com (e não sobre) o outro que algumas pesquisas vêm aplicando grupos de escuta para compreender melhor os padecimentos do professorado e para ser um espaço de acolhimento para eles. Reforçando a noção de pesquisa compartilhada e produzida com o outro, Mariano *et al.* (2021), ao realizarem uma revisão sistemática sobre produções científicas utilizando grupos operativos, identificaram que, em sua maioria, os grupos eram voltados para profissionais da educação. Os autores concluem que esse recurso auxilia na construção e no estreitamento de vínculos entre os participantes, os quais, individualmente, interligam-se ao coletivo por meio de necessidades convergentes entre todos.

Seguindo na mesma linha de raciocínio, cabe ressaltar a pesquisa realizada por Lima *et al.* (2015), na qual se utilizaram de rodas de conversa entre professores do ensino fundamental de uma escola pública. Os autores destacam que a utilização de um dispositivo de conversação em grupo autoriza a cada um como sujeito; isto é, cria-se um ambiente com participação ativa e autônoma de seus integrantes, favorecendo a circulação da palavra. Nesse estudo, as professoras participantes da pesquisa ressaltaram a importância de se ter um espaço para a palavra circular. Evidenciamos, ainda, que os autores compreenderam que as docentes que participaram do estudo sentiram menos angústias em relação ao tratamento com os alunos, reconhecendo seus próprios limites e, dessa maneira, aumentaram a sua disposição para o trabalho. Além disso, houve a abertura de novos espaços para diálogo entre docentes e alunos, com encontros mensais no formato de rodas de conversa.

Ainda recorrendo a exemplos de outras pesquisas, vale resgatar o estudo de Abreu, Cruz e Soares (2023). Nesse estudo, os autores problematizam as políticas públicas educacionais, reforçando a tendência de responsabilizar o professorado pelos problemas na educação, a exemplo da responsabilidade pelos baixos índices de aproveitamento educacional, sem considerar os desafios e as dificuldades que os docentes enfrentam em seu processo de formação e no ambiente escolar. Foi a partir dessas considerações que a

pesquisa investigou as contribuições de um grupo de escuta com professores da educação básica, especialmente no que diz respeito à ressignificação do mal-estar docente. Os resultados indicaram que os mal-estares narrados pelo professorado são intensificados pelas políticas públicas educacionais, além de evidenciarem a necessidade de ampliar a construção de coletivos docentes voltados à discussão dos desafios enfrentados na prática pedagógica.

Percebemos que muitos dos estudos realizados envolvem um grupo diversificado de docentes, sem focar em alguma disciplina específica. Entretanto, a pesquisa de Hur, Mendonça e Viana (2016), ao propor a ideia de um grupo com professores de educação física de uma instituição de ensino superior, obteve como resultados queixas de mal-estares relacionadas ao currículo, à lógica de mercado e a uma formação tecnicista dos professores de educação física. Por mais que esse estudo fosse focado em professores do ensino superior e em suas queixas quanto à formação de novos profissionais, entendemos que os grupos de escuta, utilizados nessa pesquisa, possibilitam a circulação da palavra e o debate entre seus participantes, independentemente do nível de ensino em que se é aplicado. Além do mais, corroboramos com os autores com relação ao entendimento sobre a utilização do grupo de escuta como um instrumento/recurso que não deve ser pontual, mas que precisa integrar um processo contínuo de avaliação e de formação.

Assim, compreendemos que espaços de escuta são importantes momentos para discussão em grupo/coletivo dos impasses e de angústias. Muito mais que um espaço pensado como “terapia”, esses encontros tornam-se importantes no sentido de as queixas do outro serem acolhidas por cada sujeito e debatidas entre todo o grupo – tanto promovendo a construção individual e coletiva de sentidos, os questionamentos e enfrentamentos às violências simbólicas e os materiais que constituem o exercício da docência, como produzindo deslocamentos que permitem reinvenção e resistência (Safatle, 2015).

Dito isso, no tópico que segue, abordamos como a psicanálise se aproxima da educação, as possíveis contribuições dessa lente

para a educação e como ela pode anunciar ações e posições no acolhimento e no manejo dos padecimentos do professorado.

4 Aproximações com a Psicanálise na Educação

Trabalhar com o ofício de educar implica reconhecer e assumir que vivemos as tensões e as complexidades das relações humanas. Isto é, educar não trata apenas de ensinar o conteúdo; trata-se de uma prática que envolve lidar com pessoas e isso produz tensões entre ideias, emoções, comportamentos e expectativas. Existe uma expectativa social sobre o processo educativo, que atribui aos professores a responsabilidade exclusiva de ensinar e aos alunos, de aprender, ignorando as dificuldades reais do contexto escolar e os múltiplos fatores que interferem no educar. Esse ato é uma prática complexa, marcada pelas relações humanas e pelas condições sociais em que acontece.

Outra contribuição psicanalítica na educação está na atribuição da linguagem como uma estruturação do inconsciente. O pensamento psicanalítico comprehende que a constituição das subjetividades está atravessada por processos de identificação, tanto com figuras parentais como por ideais socialmente valorizados, que são internalizados pelo sujeito. Esses ideais funcionam como guias de conduta e de padrões a serem alcançados, podendo gerar conflito, sofrimento e mal-estares quando há um descompasso entre o desejo do sujeito e as exigências internalizadas (Freud, 2011).

Diferentemente de apenas transmitir informações, a fim de capacitar o aluno para as habilidades e para as competências esperadas no desenvolvimento humano, o professor acaba incumbido de uma demanda psíquica que simula a função de um cuidador principal. Muitas vezes, contudo, o professor assume a função de investir afetivamente na relação educacional, o que o possibilita tornar-se objeto de transferência, podendo serem alocados sentimentos de ambivalência afetiva por parte do aluno

(Pedroza, 2010). Mariotto (2017) afirma que educar implica transferência, destacando que o desenvolvimento da aprendizagem ocorre a partir do entrelaçamento de subjetividades, ou seja, pelo laço regente na relação.

Com base no reconhecimento da importância das relações humanas no processo educacional, Ribeiro (2014) destaca a pressuposição do saber, na figura do professor, e do aprender, na figura do aluno. A psicanálise, portanto, também contribui com a educação na compreensão dos processos transferenciais que ocorrem nas relações humanas. Segundo Pedroza (2010), ser professor é participar do processo de construção do conhecimento, quando existe a possibilidade de formação de sua personalidade e dos alunos envolvidos.

A transferência é um fenômeno constante de reelaboração de vivências psíquicas, experienciadas ou fantasiadas, que ocorrem nas relações humanas. Porém, é incomum a dissociação desse fenômeno, uma vez que seu conteúdo é, também, inconsciente e subjetivo, tornando o contexto educacional um ambiente permeado de partilhas emocionais ambivalentes, destacando os professores como supostos amparos desses conteúdos. Isto é, o professor pode receber sentimentos e representações de forma transferencial, de conteúdos psíquicos prévios. Contudo, tornar-se responsável psiquicamente por um outro, de forma a garantir seu desenvolvimento pelo processo ensino/aprendizagem, pode desequilibrar questões subjetivas, gerando uma fonte de sofrimento docente, principalmente se as atribuições não forem aceitas pelo indivíduo. Os professores podem ser alvos substitutos de sentimentos e de desejos que eram endereçados a outros, como os cuidadores, por exemplo, que vão de simpatia a antipatias, justificando a relação de amor e de ódio vivenciada pelos professores (Ribeiro, 2014; Freud, 1976).

Parece-nos que esse sofrimento docente, em razão de atribuições que podem não ser (ou que não foram) aceitas pelos alunos, acompanhará o docente em sua trajetória em diversas dimensões enquanto expectativas não atingidas em sua totalidade, sejam quais forem elas, a exemplo de “educar todos e todas”, de “agradar

“todos e todas”, de que “a aula possa acontecer exatamente como o planejado”, entre outras. Acontece que a lente da psicanálise reconhece que a falta está presente no nosso laço social, sugerindo-nos a existência de um limite no ato educativo e, portanto, o educar como um ato impossível, o que não quer dizer inexequível (Freud, 2011). Nessa perspectiva, diante de tais apontamentos da psicanálise para a educação, questionamos: “se educar é impossível, mas não inexequível, o que a psicanálise tem a dizer, a interpretar e a, supostamente, compreender sobre os processos educativos?”.

Voltolini (2011), diante desse tipo de inquietação, que não é particular de um ou de outro docente, sugere que se tente fazer uma equação entre as promessas de uma proposta de ensino e aquilo que acontece no dia a dia dos espaços e dos tempos escolares. Essas promessas podem ser capazes de permitir que o professor minimize seus mal-estares – produzidos, também, pela ausência de uma educação em sua plenitude – e, nessa perspectiva, ir compondo com o outro um processo que possa levá-lo a um lugar menos desconfortável, o que não significa ausência de mal-estar. Tal sugestão parece-nos ser uma possível razão para os docentes continuarem sustentando um plano de ensino com um ou outro objetivo.

Desse modo, a psicanálise, na relação com a educação, vem apontando e apostando sobre a impossibilidade do educar (Freud, 2011). Contudo, essa impossibilidade não quer dizer que educar não seja necessário, e sim que não se pode controlar totalmente o que acontece no processo educativo. A crítica é ao modelo moderno e colonial (Silva, 1994), que tenta nos convencer de que é possível planejar tudo e garantir que o ensino aconteça exatamente como foi previsto. Nesse modelo idealizado, acredita-se que o professor ensina e que o aluno aprende exatamente o que foi ensinado, como se esse processo fosse linear, automático e garantido. Essa visão reforça uma noção simplista de processo educativo: a de que, se o aluno não aprende, a culpa é do professor – como se só existisse essa lógica e como se a educação pudesse funcionar perfeitamente, sem falhas ou imprevistos.

Acontece que “ensinar tudo a todos” parece-nos uma pretensão demasiadamente corajosa. Reforçamos que a psicanálise, em diálogo com a educação, no exercício de interrogar, colocando em questão as bases universalistas da educação, a exemplo do “ensinar tudo a todos” como possibilidade, vem apontando (e também apostando) sobre o educar como um impossível, mas não como inviável e inexequível, apenas como algo inalcançável em sua suposta completude (Freud, 2011; Voltolini, 2011). Isso significa que uma educação, em sua plenitude, é que seria impossível, dada a impossibilidade de saber exatamente o que o outro aprende daquilo que nós supomos, pretendemos ou desejamos ensinar.

Essa impossibilidade está colocada em razão da noção de “sujeito-suposto-saber” como uma projeção que alguém coloca sobre o outro em um determinado lugar, compreendendo, assim, que, se o aprendente supõe o saber em uma outra pessoa, isso traz o inconsciente na relação pedagógica, o que coloca em evidência o trabalho subjetivo que os docentes sustentam (Freud, 2011; Voltolini, 2011; Pereira, 2013). Isto é, trata-se da relação transfereencial que Ribeiro (2014) menciona. A consequência disso, para a psicanálise, é que ensinar significa organizar signos, organizar algo endereçado a outra pessoa, o que não significa uma garantia de que o que se espera disso acontecerá, com uma suposta segurança do que pode acontecer.

Nessa lógica de raciocínio, compreendemos que os professores, ao tomarem o ato de ensinar como um processo planejado e endereçado a outra pessoa, também supõem que a outra pessoa vai aprender algo. Se esse outro também supõe algo de nós, perde-se um pouco (ou muito) de um suposto controle, abrindo, portanto, a equação da relação educacional, que de simplista nada tem. Nesse sentido, outra contribuição da psicanálise para a educação parece-nos ser a de que o ensinar está muito mais em fazer convites a outras pessoas, o que acaba fechando o circuito de que o impossível é o educar, pois, uma vez que se assume que é impossível educar na plenitude, o que se consegue como professor

é organizar um processo, um planejamento, convidando o outro a compor essa relação de processo de ensino, que é transferencial.

Nesse movimento, trazer para a cena da condição humana essa outra dimensão, nomeada como inconsciente (Freud, 2011), quer dizer que, nessa relação transferencial entre pessoas nesses lugares simbólicos, têm uma dimensão invisível que não está dita, qual seja: como a gente vai projetando um no outro esses traços nossos, que têm relação com expectativa, desejo, resultado, processo. Por esse motivo, o grupo de escuta parece-nos ter um significado simbólico potente, em que os professores poderão partilhar suas expectativas, seus desejos, seus sofrimentos, seus mal-estares. Nesse sentido, Voltolini (2011) entende que:

A presença do inconsciente introduz entre educador e educando um controle impossível sobre qualquer cartilha de bons procedimentos educacionais, pondo em xeque a ficção do contrato entre eles na direção de melhores resultados (Voltolini, 2011, p. 12).

Ribeiro (2014) ainda destaca que o posicionamento do professor não pode acontecer na característica de detentor das informações, mesmo que essa característica possa apresentar questionamentos quanto à autoridade do docente – inclusive, porque a equação educacional não é unidirecional, tão pouco simplista. Isto é, não é só o professor que ensina e o aluno que aprende, essa relação movimenta-se constantemente. Outra questão importante para a autora é que, ao assumir uma posição de não-saber, desejando aprender e dominar a prática pedagógica, o professor transfere uma informação importante para a sua profissão, o desejo de aprender. Assim, as relações transferenciais possibilitam que o aluno possa aprender a “desejar o saber”, encorajando-o no desenvolvimento educacional, mas não como uma garantia de que isso vai acontecer, já que ele pode sim continuar não desejando o saber. Não há como se ter um controle sobre o desejo de alguém.

Enfim, variados são os sofrimentos e mal-estares docentes, assim como muitas são as possíveis causas desses sofrimentos e mal-

-estares. Por essa razão, compreendemos as lentes da psicanálise na relação com a educação como mais um possível recurso, tanto para o acolhimento dos mal-estares como para alguma compreensão deles. Igualmente, trata-se de um importante recurso para a efetivação do grupo de escuta de docentes de educação física.

5 Considerações possíveis

Inspirados pelo pensamento psicanalítico, que reconhece que os processos de elaboração subjetiva demandam tempo e atra- vessam tensões entre o desejo e as exigências da realidade, sentimos a necessidade de, de algum modo, encerrar este ensaio para seguir em frente. Buscamos, com este texto, compreender e provocar a necessidade de reflexão sobre a complexa relação humana no encontro com a educação. Professores, alunos, sofrimentos, mal-estares, desejos, fantasias, amor e ódio encontram-se em um ambiente minado de conteúdos desconhecidos, conscientes e inconscientes, que provocam assombro, dúvidas, desconfortos, mal-estares nos sujeitos envolvidos.

A carga transferencial depositada nos professores apresenta- se como uma possível fonte de conteúdos ambíguos que, com base em elementos que vão além da sala de aula, geram mal-estar. Os grupos de escuta podem propiciar um espaço e tempo impor- tantes para a reflexão a partir da associação livre e da identificação do outro. Além disso, tais grupos de escuta, se negociados com as escolas e com as secretarias de educação, podem se apresentar como uma possibilidade para a formação continuada de docentes, neste estudo, com atenção especial à docência em educação física.

Pedroza (2010) ilustra a importância dessa reflexão, considerando que o que quer um grupo de escuta não é solucionar – imediatamente – os problemas e os mal-estares dos docentes, mas sim possibilitar a tomada de consciência dos conteúdos inconscientes que geram sofrimento psíquico e que podem estar deslocados na prática profissional, atribuindo significados nas relações edu- cacionais, promovendo efeitos na diminuição da angústia. Nessa

perspectiva, o grupo de escuta pode apresentar uma potência de contribuir como uma estratégia formativa de acolhimento dos sofrimentos para que os docentes possam se desidentificar com lugares de impotência e construir reconhecimento do seu trabalho.

Referências

- ABREU, R. M. de A.; CRUZ, L. B. S.; SOARES, E. L. S. Políticas públicas em educação e o mal-estar docente. **Revista Brasileira de Educação**, [s. l.], v. 28, p. e280023, 2023. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NBZkqhPKCg8ww46DCHBTWxp/?for>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- AGUIAR, R. M. R.; ALMEIDA, S. F. C. Professores sob pressão: sofrimento e mal-estar na educação. In: PSICANÁLISE, EDUCAÇÃO E TRANSMISSÃO, 6., 2006, São Paulo. **Proceedings** [online] [...]. São Paulo: FE USP, 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032006000100063&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 31 jul. 2025.
- BASTOS, M. B.; KUPFER, M. C. M. A escuta de professores no trabalho de inclusão escolar de crianças psicóticas e autistas. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 116-125, 2010. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-7128201000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 3 jul. 2025.
- CARVALHO, A. C. N.; AMPARO, D. M.; NOGUEIRA, R. N. O grupo de escuta como um dispositivo clínico em um centro de atenção psicossocial (CAPS II). **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 31, n. 1, p. 123-143, 2019. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/2910/291059507007/291059507007.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.

CASTRO, Y. K. M.; LELIS, H. R. Políticas públicas de capacitação e apoio psicológico destinado a professores do ensino fundamental e seus reflexos na experiência escolar de alunos neurodivergentes. **Revista Políticas Públicas & Cidades**, Curitiba, v. 14, n. 1, p. e1490-e1490, 2025. Disponível em: <https://journalppc.com/RPPC/article/view/1490>. Acesso em: 3 jul. 2025.

DAYRELL, J. A escola como espaço sócio-cultural. *In: DAYRELL, J. (org.). Múltiplos olhares: sobre educação e cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1996. p. 136-162.

FREUD, S. O mal-estar na civilização – novas conferências introdutórias e outros textos. *In: FREUD, S. Obras Completas*. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2010. p. 13-123.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2011. (Coleção L&PM POCKET; v. 850.).

FREUD, S. Sobre a psicologia escolar. *In: FREUD, S. Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1976. p. 418-423.

HUR, D. U.; MENDONÇA, G. S.; VIANA, D. G. Educação Física e formação: o grupo operativo como um dispositivo de avaliação. **Revista da SPAGESP**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 96-107, 2016. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5824562>. Acesso em: 3 jul. 2025.

KASPER, S. A.; RINALDI, R. P. Alternativas para a diminuição do mal-estar docente: revisão sistemática das teses e dissertações no período de 2000 a 2016. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 20, n. 1, p. 98-108, 2017. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/12123>. Acesso em: 3 jul. 2025.

LIMA, N. L. *et al.* Psicanálise e Educação: um tratamento possível para as queixas escolares. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1103-1125, 2015. Disponível em: <http://educa.fcc>.

[org.br/scielo.php?pid=S0100-31432015000401103&script=sci_abstract](https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/15745). Acesso em: 3 jul. 2025.

MAGALHÃES, R. L.; ANDRADE, L. G. S.; WITTIZORECKI, E. S. Mal-estar docente em professores de Educação Física escolar: uma revisão sistemática entre 2017 e 2022. **Revista Didática Sistêmica**, [s. l.], v. 25, n. 2, p. 119-140, 2023. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/redsis/article/view/15745>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MANTOVANI, A. Grupos de apoio amplo: ancoragem e apoio psicológico em grupos terapêuticos. **Revista da SPAGESP**, [s. l.]. v. 9, n. 2, p. 27-32, 2008. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5535419>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MARIANO, E. *et al.* Grupos operativos como dispositivo na promoção da saúde. **Psicologia, Saúde & Doenças**, [s. l.], v. 22, n. 1, p. 314-325, 2021. Disponível em: <https://scielo.pt/pdf/psd/v22n1/1645-0086-psd-22-01-314.pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.

MARIOTTO, R. M. M. Algumas contribuições da psicanálise à educação a partir dos conceitos de transferência e discurso. **Educar em revista**, [s. l.], v. 33, n. 64, p. 35-48, 2017. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0104-40602017000200035&script=sci_abstract. Acesso em: 3 jul. 2025.

MERHY, E. E. Em busca do tempo perdido: a micropolítica do trabalho vivo em saúde. The University of New Mexico, **Digital Repository**, 2008. Disponível em: https://digitalrepository.unm.edu/lasm_pt/145. Acesso em: 1 jul. 2025.

MOLINA NETO, V.; MOLINA, R. M. K. Capacidade de escuta: questões para a formação docente em Educação Física. **Movimento**, [s. l.], v. 8, n. 1, p. 57-66, 2002. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/Movimento/article/view/2637>. Acesso em: 3 jul. 2025.

NÓVOA, A. Concepções e práticas de formação contínua de professores. *In: NÓVOA, A. (org.). Formação contínua de professores: realidades e perspectivas.* Aveiro: Tipave Indústrias Gráficas, 1991. p. 15-38.

PEDROZA, R. L. S. Psicanálise e Educação: análise das práticas pedagógicas e formação do professor. **Psicologia da Educação**, [s. l.], n. 30, p. 81-96, 2010. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/psicoeduca/article/view/43027>. Acesso em: 3 jul. 2025.

PEREIRA, M. R. **O nome atual do mal-estar docente**. Belo Horizonte: Fino Traço, 2016.

PEREIRA, M. R. Os Profissionais do Impossível. **Educação & Realidade**, [s. l.], v. 38, n. 2, p. 485-499, 2013. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S0100-31432013000200008&script=sci_abstract. Acesso em: 3 jul. 2025.

RIBEIRO, M. P. Contribuição da psicanálise para a educação: a transferência na relação professor/aluno. **Psicologia da Educação**, [s. l.], n. 39, p. 23-30, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/psicoeduca/article/view/26701>. Acesso em: 3 jul. 2025.

SAFATLE, V. **Introdução a Jacques Lacan**. São Paulo: Autêntica Editora, 2017.

SAFATLE, V. **O circuito dos afetos**: corpos políticos, desamparo e o fim do indivíduo. São Paulo: Cosac Naify, 2015.

SILVA, T. T. Adeus às Metanarrativas Educacionais. *In: SILVA, T. T. da (org.). O Sujeito da Educação: estudos foucaultianos.* Petrópolis: Vozes, 1994. p. 247-258.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Editora Vozes, 2002.

VOLTOLINI, R. **Educação e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

XIMENES, P. A. S.; MELO, G. F. BNC-Formação de Professores: da completa subordinação das políticas educacionais à BNCC ao caminho da resistência propositiva. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, [s. l.], v. 103, n. 265, p. 739-763, 2022.
Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?pid=S2176-66812022000300739&script=sci_arttext. Acesso em: 3 jul. 2025.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física e Dança. Publicação no Portal de Periódicos UFG. As ideias expressas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.